

A SEDE DO BANCO DO BRASIL EM PASSO FUNDO: um marco da verticalização da cidade na década de 1960

ALISSON PASTORIO¹; CALIANE C. O. DE ALMEIDA²;

1 Graduando em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade Meridional, Brasil. Membro do Grupo de Pesquisa Teoria e História da Habitação e da Cidade (THAC-IMED) e bolsista de Iniciação Científica CNPq. E-mail: alissonpastorio@hotmail.com

2 Doutora em Arquitetura e Urbanismo pelo Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (IAU-USP). Coordenadora e Docente do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Arquitetura e Urbanismo da IMED e Bolsista de Produtividade da Fundação Meridional. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Teoria e História da Habitação e da Cidade (THAC-IMED). E-mail: caliane.silva@imed.edu.br

1 INTRODUÇÃO

O forte desenvolvimento econômico ocorrido em Passo Fundo a partir da década de 1940, através de políticas governamentais para o desenvolvimento e ações de financiamentos realizados pelo Banco do Brasil na região, gerou grandes mudanças na paisagem da cidade, marcando o início do processo de modernização, desenvolvimento e verticalização da cidade, sobretudo de sua área central, com a remoção de edifícios tidos como obsoletos e a permissão de construções com altos índices construtivos, legitimados pela elaboração do I Plano de Expansão Urbana de Passo Fundo (1953) e II Plano (1984).

É neste contexto que se insere a construção do novo edifício sede da agência do Banco do Brasil em Passo Fundo, que rompeu com as fortes referências da Belle Époque tardia nas edificações da época (MIRANDA; MACHADO, 2005), apresentando um projeto com características típicas do movimento moderno, que acabou por se tornar referência, principalmente formal, para a população naquele momento e nas décadas seguintes (WAIHRICH; WICKERT; SILVA, 2004). Sendo assim, o presente trabalho tem como objetivo analisar o contexto urbano, econômico e cultural da construção do novo edifício sede do Banco do Brasil em Passo Fundo, em 1969, bem como analisar arquitetonicamente esta produção, que é de suma importância para a compreensão do crescimento vertical da cidade e, conseqüentemente, da sua paisagem urbana, a partir da década de 1970.

Para compreensão de sua construção, se faz necessária uma breve contextualização do processo de transformação da cidade nas décadas anteriores (1940 e 1950). Período em que Passo Fundo apresentou um forte crescimento econômico nas áreas da agropecuária, comércio e indústria, com destaque no cenário nacional, principalmente na produção tritícola, constituindo-se umas das mais importantes do país (FERRETO, 2012; DIÁRIO DA MANHÃ, 1971). Tal desenvolvimento alcançado pela região foi um fator determinante para a construção do novo edifício sede da agência do Banco do Brasil na cidade anos depois (DIÁRIO DA MANHÃ, 1971).

2 METODOLOGIA

Para tanto, foram realizadas pesquisa bibliográfica sobre o processo de formação e transformação da cidade naquele período, assim como pesquisa iconográfica e documental nos jornais locais em circulação na época. Mais precisamente, foram consultadas as matérias publicadas no Jornal da Manhã.

A importância do trabalho concentra-se no registro desta importante edificação para a cidade, que será mais profundamente analisada no âmbito do Grupo de Pesquisa Teoria e

História da Habitação e da Cidade (THAC-IMED), a qual o aluno de iniciação científica está vinculado.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nas décadas de 1940 e 1950, Passo Fundo e região passava por um processo de reestruturação produtiva, resultado da modernização da agricultura, através da instalação de um complexo agroindustrial e introduzindo a monocultura de trigo e soja na região (FERRETO, 2012). A economia, que antes era baseada em agricultura familiar e comércio, se transformar, manifestando-se na região com maior intensidade da cultura de trigo, principalmente a partir da década de 1950 e, posteriormente, de soja, a partir da década de 1960. Este crescimento exponencial na produção agrícola ocorreu em unidades produtivas de pequeno e médio porte, principalmente. Os incentivos para produção de cereais e importação de maquinário agrícola por parte do governo, aliados aos processos de industrialização e mecanização da agricultura, observados em todo o país ao longo da década de 1950, marcavam o início do forte desenvolvimento econômico vivenciado por Passo Fundo nas décadas seguintes e na implantação de um grande complexo agroindustrial para a região (BEUX, 2003; TEDESCO e SANDER, 2005).

Assim, o crescimento econômico apresentado por Passo Fundo na década de 1960 está ligado diretamente às políticas de desenvolvimento do Brasil e do Rio Grande do Sul, implementadas a partir da década de 1940 (MONTROYA, 1993). É época em que ocorreram grandes incentivos financeiros por parte do governo, tendo o Banco do Brasil como um dos principais agentes incentivadores e financiadores da agricultura, pecuária, indústria, bem como do comércio da região, sobretudo, através de sua Carteira de Crédito Agrícola e Industrial, estabelecendo uma política de crédito à produção, garantindo incentivos que foram de suma importância para o desenvolvimento nacional em diversas áreas (DIÁRIO DA MANHÃ, 1971).

Por outro lado, o crescimento urbano e demográfico da cidade evidenciado a partir da década de 1950, também tem relação direta com a intensificação dos grandes fluxos migratórios do campo em direção à cidade, em busca de melhores qualidade de vida e de trabalho, diante das novas ofertas de emprego devido ao crescimento econômico. Por questões econômicas, essa população passou a se instalar nas franjas da cidade, resultando no crescimento periférico da mancha urbana, e o centro, por sua vez, se consolida como o lugar das elites (FERRETO, 2012). Conforme as especificações do I Plano de Desenvolvimento Urbano (1953) do município, a área central passar a recebe uma série de melhorias como uma ação do poder público em prol da sua modernização, com a remoção de edifícios tidos como obsoletos para dar lugar a novos edifícios, com novas formas (KNACK, 2007). Foram nesses anos que surgiram os primeiros edifícios em altura na área central passofundense, como o Turis Hotel (1961) e o edifício Planalto (1962). Assim, os antigos casarios da Avenida Brasil e sobrados da Rua Morom foram cedendo lugar, pouco a pouco, para os novos edifícios residenciais em altura (FERRETO, 2012), em um processo de modernização e desenvolvimento econômico, consolidando Passo Fundo como polo regional (MONTROYA, 1993).

Tal desenvolvimento urbano e econômico conquistado pela região de Passo Fundo foi fundamental para a decisão do então presidente do Banco do Brasil, Nestor Jost, de construir um edifício sede da agência do Banco do Brasil no município, com modernas e amplas instalações, refletindo também o crescimento vertiginoso experimentado pela agência de Passo Fundo (DIÁRIO DA MANHÃ, 1971).

Então, em 05 de julho de 1969, sobressaindo-se à torre do centenário Templo Metodista na Avenida Brasil, inaugurava-se em Passo Fundo o moderno arranha-céu que serviria como sede da agência local do Banco do Brasil (DIÁRIO DA MANHÃ, 1969). Naquela época Passo

Fundo era marcada essencialmente pela horizontalidade herdada dos antigos casarios da Avenida Brasil e dos sobrados da Rua Morom (ALMEIDA, 2018), assim como dos novos loteamentos que se multiplicavam nas franjas da cidade (SCHISLER, 1969; FERRETO, 2012).



Edifício sede do Banco do Brasil, Passo Fundo/RS, 1969

O edifício recém construído na Avenida Brasil, esquina com a Rua Bento Gonçalves, simbolizava o processo de verticalização da área central da cidade que se intensificaria nos anos seguintes, possuindo oito pavimentos e marcado por modernas linhas arquitetônicas, que contrastavam com as rebuscadas linhas e diversificados adornos das edificações da época, caracterizadas como uma Belle Époque tardia do início do século XX em Passo Fundo (KNACK, 2007).

O novo edifício, caracterizado como modernista, simbolizou também a ruptura com as referências arquitetônicas do passado que predominavam até então, inserindo diretrizes formais e construtivas modernas à época. Com forma quadrangular regular, se destacava no cenário urbano por suas linhas e ângulos retos, pela simplicidade de sua forma, pela ausência de ornamentos, pelas extensas janelas em fita, pelo emprego do vidro e do concreto, e pela sua planta livre, que criaram uma nova dimensão urbana para a cidade, sendo considerada como mais uma obra que contribuiu para o embelezamento de Passo Fundo e como um estabelecimento bancário digno de uma Capital, onde “(...) a palavra *moderno* adquiriu conotação de elogio” (DUPAS, 2006, p. 13), e as construções urbanas se tornam símbolos de um novo mundo, moderno, verticalizado, digno de uma cidade “Capital do Planalto” (KNACK, 2007, p.47).

No entanto, muitas foram as publicações que se mostravam contra esta tipologia construtiva em Passo Fundo, principalmente como marco referencial da cidade e comparando a sua arquitetura a das tradicionais construções à época, como é o caso da Igreja Metodista:

“(…) Passo Fundo conheceu um século assim. O viandante, de longe, conhecia a cidade pela silhueta altaneira de suas tôres. Mas os séculos se apressaram. E hoje as tôres se definham junto aos arranha-céus gigantes que os engolfam. (...) Nos arranha-céus desafiantes, a metalização da vida e sua crescente comercialização” (DIÁRIO DA MANHÃ, 1969, s/p).

De qualquer modo, a construção do moderno edifício aliado ao adensamento e verticalização da área central significou o fortalecimento do valor simbólico do centro da

cidade, produzindo uma imagem de progresso e modernização baseado na renovação das formas e vocabulários arquitetônicos expressos pela construção dos novos edifícios que surgiram nas décadas seguintes, quando a verticalização da área central se intensificou, sobretudo, a partir da década de 1980, sendo legitimada pelo II Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de 1984, que passou a permitir a construção de edifícios com até sete vezes a área do lote, promovendo bruscas alterações na paisagem e na forma urbana, onde, pouco a pouco, o casario da Avenida Brasil foi cedendo lugar aos novos e modernos edifícios de apartamentos, promovendo um forte adensamento e desenvolvimento urbano com modernas infraestruturas e equipamentos urbanos na área central (FERRETO, 2012; KNACK, 2007).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A década de 1940 marcou o início do forte processo de desenvolvimento econômico e urbano de Passo Fundo, que viria a se intensificar nas décadas seguintes. Na década de 1950, as mudanças na paisagem urbana foram ainda mais bruscas, com a remoção de diversos edifícios obsoletos visando o desenvolvimento e modernização da cidade, sobretudo de sua área central, através do I Plano de Expansão Urbana (1953), surgindo assim os primeiros edifícios verticais da cidade, iniciando, timidamente, o processo de verticalização do centro, e definindo o centro como lugar das elites (FERRETO, 2012).

Com o município já consolidado como polo regional e com grande destaque no cenário nacional por sua forte produção tríticola na década de 1960, a agência central do Bando do Brasil decidiu por construir o novo edifício sede da agência do Banco na cidade. Em 1969, a construção do novo edifício sede do Banco do Brasil em Passo Fundo se tornava um marco arquitetônico importante para a cidade, tanto em se tratando do desenvolvimento e da modernização urbana, quanto da verticalização da cidade, sobretudo de sua área central. O referido edifício representou ainda a ruptura com as referências arquitetônicas do passado, inserindo diretrizes formais e construtivas modernas à época.

Na década de 1980, no forte processo de verticalização e adensamento da área central, legitimado pelo II Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (1984), permitindo a construção de edifícios de até sete vezes a área do lote, era possível observar novos edifícios residenciais em altura com referências ao modernismo, evidenciando assim, a influência do edifício sede da agência Banco do Brasil sobre as novas construções, dignas de uma “Capital do Planalto”.

Com este estudo, foi possível compreender os fatores que levaram à construção do edifício sede da agência do Banco do Brasil em Passo Fundo, através da contextualização do processo de desenvolvimento econômico, urbano e cultural do município, período compreendido entre as décadas de 1940 a 1970, assim como a influência do edifício no processo de modernização e verticalização da cidade na década de 1980, rompendo com os elementos arquitetônicos da Belle Époque tardia que predominavam até então. Ao apresentar um projeto com características típicas do movimento moderno, a construção serviu como referência, principalmente formal, para a população naquele momento e nas décadas seguintes.

REFERÊNCIAS

BEUX, Paulo Ivan Schütz. Articulação Histórica da Agricultura com o Advento da Agroindústria em Passo Fundo: Considerações sobre a constituição e a consolidação de um complexo agroindustrial - 1960 a 1980. Dissertação (Mestrado), Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2003.

DUPAS, Gilberto. O mito do progresso ou progresso como ideologia. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

FERRETTO, Diego. Passo Fundo: estrutura urbana de uma cidade média gaúcha, 2012. Dissertação (Mestrado em Planejamento urbano e Regional) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16139/tde-17072012-143123/>. Acesso em: 17 abril de 2019.

KNACK, Eduardo Roberto Jordão. Modernização do Espaço Urbano e Patrimônio Histórico: Passo Fundo, RS. Dissertação (Mestrado), Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2007.

MIRANDA, Fernando. MACHADO, Ironita P. Passo Fundo: presentes da memória. Rio de Janeiro: MM Comunicações, 2005.

MONTOYA, Marco A. O futuro econômico-social de Passo Fundo: uma preocupação do presente. Passo Fundo: Teor. Evid. Econ., Ano 1, n.1, p. 49-65, março 1993.

SCHISLER, William. A Torre à Sombra do Arranha-Céu. Diário da Manhã, Passo Fundo, s/p, 5 jul. 1969.

TEDESCO, João Carlos. SANDER, Roberto. Madeireiros, comerciantes e granjeiros: lógicas e contradições no processo de desenvolvimento socioeconômico de Passo Fundo. Passo Fundo: UPF, 2005.

WAIHRICH, Lorena Postal; WICKERT, Ana Paula; SILVA, Nery Luiz Auler da. A casa da Independência: um exemplar de Edgar Graeff. Ágora, Santa Cruz do Sul, v. 8, p. 131 - 139, 14 out. 2004.